

REGRESSARAM POR OUTRO CAMINHO...

Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. E perguntaram: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo».

A viagem dos Magos caracteriza-se por situações de incerteza; está cheia de dúvidas e de interrogações. O facto de perguntarem expõe-nos a contradições difíceis de viver, como quando, em Jerusalém, pedem ajuda e acabam por se encontrar diante de quem não capta a seriedade e a intensidade da busca. E no entanto, para viajar, precisamos de seguir e de pedir indicações fora de nós...

É uma viagem em que conhecem a solidão de quem procura e ainda não encontra, a solidão de quem procura ajuda e descobre que a sua busca não é tomada em séria consideração. A única certeza é a estrela.

Os Magos aprenderam a olhar para o céu até reconhecerem a estrela. Muitos outros terão sondado o céu, mas só eles souberam captar algo que os impeliu a pôr-se a caminho, uma certeza inscrita no seu coração e à qual não poderão mais renunciar. Mas a estrela desaparece durante o dia e sentem-se obrigados a procurar outras indicações; é por isso que se dirigem a Herodes. O que acontece quando as nossas estrelas desaparecem?

Os Magos, durante o dia, vivem de recordações, a estrela que lhes apareceu permanece na memória, como sinal certo, que antecipa o resultado da busca. Agora não conseguem ver a estrela e ainda não alcançaram a meta. Passam do mundo inequívoco do céu para o mundo complexo das relações, no qual é necessário um atento discernimento.

Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele. E, reunindo todos os sumos sacerdotes e escribas do povo, perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: «Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades da Judeia; porque de ti vai sair o Príncipe que há de apascentar o meu povo de Israel».

No caminho para Belém dão-se conta que a estrela não está atrás deles, mas à frente, e que os guia. Dão-se conta agora que o seu caminho já está traçado. A estrela precede-os... Nas nossas viagens há sempre alguém que nos precede, alguém que abre o caminho para nós no reino de Deus, alguém que é para nós como estrela luminosa que indica um caminho a percorrer.

Como os Magos, alguém nos precede, há alguém que nos abre o caminho, exatamente onde não quereríamos olhar, ou seja, para ocidente, para as zonas do escuro impenetrável. Os Magos tiveram muita dificuldade em erguer o olhar para ocidente, mas aprenderam a olhar naquela direção e a descobrir de novo que a estrela está com eles, é para eles.

Há uma pergunta, que os Magos dirigem a Herodes e aos sábios de Jerusalém, que exprime o seu constrangimento e ao mesmo tempo a seriedade da sua busca: Onde está o rei dos Judeus que acaba de nascer? Onde está?

É estranho que viajantes se interroguem sobre o onde, porque quem viaja habitualmente tem uma meta a atingir. Pelo contrário, os Magos são pessoas que têm um ONDE a atingir, mas não sabem onde é.

Então Herodes mandou chamar secretamente os Magos e pediu-lhes informações exatas sobre a data em que a estrela lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: «Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino; e, depois de o encontrardes, vinde comunicar-mo para eu ir também prestar-lhe homenagem».

Ao lado da busca honesta e séria dos Magos está o medo de Herodes, o medo de quem se sente ameaçado com a aparição do novo recém-nascido no seu horizonte. Para Herodes o outro é apenas alguém contra quem competir. Herodes não se põe a caminho, nem sequer os seus sábios, manda outros. Sabem decifrar os Escritos, mas não «tocam» a vida. Querem saber, mas não querem pôr-se a caminho.

Depois de ter ouvido o rei, os Magos puseram-se a caminho. E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o menino, parou. Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria; e, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no.

Onde está o Rei? Em casa, com a sua mãe. Os Magos assistem a uma cena desarmante na sua simplicidade. O Rei habita os momentos e os gestos do nosso quotidiano. Os Magos não se escandalizam, prostram-se e adoram. Ainda não o reconhecem, não estão em condições de o chamar pelo nome, Jesus, mas vivem intensamente a experiência do encontro com o mistério do Deus vivo.

E, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

A alegria: Descubrem finalmente que a estrela está dentro de si

A adoração: Reconhecem no Menino a meta do seu caminho

O tesouro: A oferta de si mesmos e da sua viagem

O ouro representa toda a realidade visível;

o incenso é o invisível de toda a existência humana, desejos, esperanças, oração;

a mirra é o unguento que cura as chagas, o dom no qual se condensa toda a dor.

Os Magos oferecem tudo isto, ouro, incenso e mirra, oferecem o seu tesouro, oferecem a sua realidade de homens, oferecem tudo o que deles é visível e tudo o que é invisível, oferecem tudo o que deles é inexprimível, as coisas, as esperanças, os sofrimentos, o próprio corpo, o cansaço e os fracassos, a viagem, a busca...

Avisados em sonhos para não voltarem junto de Herodes, regressaram ao seu país por outro caminho.

Os Magos encontram coragem para mudar de caminho, certos de que serão acompanhados pela estrela que agora se acendeu dentro deles.

Ir. Francesca Balocco, sd